

GIOVANA SCHNEIDER

# No paralelo da vida

São Paulo  
Pragmatha  
2020

Pragmatha Editora  
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze  
Identidade visual e diagramação: Pragmatha  
Ilustração: Jocimar Nalesso  
Copy right: Da Autora  
Contato: vaninhaschneider.68@gmail.com

Todos os direitos reservados  
Proibida reprodução total ou parcial sem a expressa autorização

S358n Schneider, Giovana.  
No paralelo da vida / Giovana Schneider. – São Paulo: Pragmatha, 2020.

200 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86926-14-9

1.Ficção brasileira. 2.Literatura brasileira. 3.Prosa brasileira. I.Título.

CDU 869.0(81)-31  
CDD B869.937

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

## SUMÁRIO

Prefácio ...	05
Um lugar incomum ...	07
A busca por Joana ...	13
Relatos e aprendizados ...	21
Apresentando Ariel ...	33
É chegada a hora de ir ...	39
Acordando em um lugar desconhecido ...	45
À procura de ajuda ...	63
Tia Laura ...	71
O desmaio ...	83
Morte impactante ...	91
Um encontro inusitado ...	97
Visita ao cemitério ...	103
A formatura ...	113
A paciente surtada ...	117
A ideia do caderno ...	123

Anotações ...	131
Social na casa de Eloá ...	137
Uma situação delicada ...	143
Preparativos para a viagem ...	153
Expectativas ...	161
Surpresas ...	169
Perdas ...	185
Para a posteridade ...	193

*Para meus irmãos e irmãs, que, juntos, fizemos parte da mesma família. Florentino Filho (Tino) nosso irmão mais velho, que foi embora de uma forma trágica, mais conhecido também como “Chinês”,  
Aristeu, Leticia e Lucinéa (Neia).  
E aos amigos que tive o prazer de esbarrar nos caminhos desta vida...*



## UM LUGAR INCOMUM

Era uma longa estrada, íngreme e incomum. O nevoeiro dificultava a visibilidade. Com o clima meio indefinido, dava para ver algumas árvores sinuosas ao longe. Vinham pessoas atrás e também havia pessoas na frente. Todos sérios, como ela, talvez também quisessem entender onde estavam, como teriam chegado ali, de onde vieram, para onde estavam indo. Assim, iam caminhando.

Agora parecia ser o fim da caminhada. Havia uma casa grande com uma escadaria enorme. Realmente ali acabava a estrada, não havia para onde ir, a não ser seguir e entrar na casa.

Bom, não tem outro jeito, vou ter que entrar, pensou, depois saio e vou ver se descubro que lugar é esse.

E assim subiu as escadas. A porta estava aberta. Entrou, andou um pouco, era um ir e vir de pessoas. Con-

tinuou a caminhar olhando tudo. A casa parecia não ter fim, era enorme. Uma mulher com vestes diferentes (parecia um vestido esvoaçante, ou um camisão, algo assim), veio em sua direção. Era um pouco alta. Com uma prancheta transparente e uma bonita caneta nas mãos, chegou e sem rodeios foi logo perguntando:

— Qual o seu nome?

Pelo menos do seu nome lembrava, pensou e respondeu:

— Meu nome é...

Mas não conseguiu escutar o som da própria voz pronunciando seu

Nome. Porém, a mulher parecia ter entendido muito bem.

A estranha mulher, apressada e de fala rápida, continuou com suas perguntas:

— Como chegou aqui?

— Não sei — respondeu.

— Você subiu a escadaria?

— Sim.

— Veio sozinha?

— Não.

Ela falava muito rápido. Talvez tivesse mais pessoas para as quais fazer perguntas. Ficou aliviada quando ela se despediu e saiu apressadamente pela grande casa. Chamou-a, mas ela não escutou. Havia esquecido de perguntar que lugar era aquele e se repreendeu mentalmente pelo esquecimento.



Ficou observando a mulher por algum tempo até ela sumir de vista e assim retornou a sua caminhada. Nisso, um rapaz que vinha apressadamente esbarrou nela. Parecia um tanto assustado, pediu desculpas e já ia saindo acelerado quando ela o segurou pelo braço e falou:

— Ei, calma, você quase me derrubou, aconteceu alguma coisa?

Ele a encarou, seus olhos cor de mel transmitiam medo. Com a voz um pouco trêmula, respondeu:

— Estou com medo, não sei que lugar é este, como vim parar aqui?

Ela o olhou, também estava com medo. O rapaz parecia estar sendo sincero, mas era melhor ter cautela. Não sabia exatamente que lugar era aquele. Talvez fosse bom interagir com alguém. Então respirou fundo e falou:

— Não sei que lugar é este e também nem como cheguei aqui, mas estou tentando conhecer. Tem muita gente. Como é seu nome?

Ele novamente parecia um pouco confuso, mas respondeu lentamente:

— Rodrigo, e o seu?

Quando perguntou, ela lembrou da mulher que tinha feito essa mesma pergunta. Será que agora vou ouvir o meu nome?! - pensou e assim respondeu:

— Mayara. — E qual foi sua alegria de se ouvir pronunciando o seu nome.

Continuaram andando pela grande casa. Agora Ro-

drigo já estava um pouco mais alegre, falante, até contou que seu pai havia sumido quando era criança e que sua mãe era uma guerreira, trabalhou muito para sustentar ele e sua irmã, sozinha. Falou que não teve nenhum outro relacionamento e assim foram andando. Rodrigo ia contando a sua vida e por dentro o que a intrigava e incomodava era o fato de não saber como havia chegado ali.

Passado algum tempo em que estavam andando, resolveram parar e observar o lugar. Viram algumas mesas, cadeiras e bancos, tudo muito bonito. Como havia algumas que não estavam sendo usadas, resolveram se acomodar por ali mesmo. Sentaram-se e ficaram em silêncio, olhando para tudo ao redor e para cima. Mayara ficou se perguntando se aquele teto teria fim. Continha uma imagem muito bonita, com nuvens ou fumaças brancas. Olhando em volta até parecia um vilarejo com suas pequenas ruelas em forma de corredores e pequenas pracinhas com suas cadeiras, bancos e mesas. Mas do lado de fora era uma grande casa que se avistava antes de entrar e lá dentro a visão era outra.

Depois repararam que tinha também grandes janelas. Um avistavam lindos pomares, mas em outras se via um clima árido do lado de fora, com pouca vegetação e deserto. Eram muitas janelas e nada de portas.

Eles se entreolharam e nem precisavam falar nada. O pensamento era o mesmo: que lugar seria aquele?

Mayara pensava em como poderia sair, enquanto Rodrigo pensava em como havia chegado. Eram per-

guntas sem respostas, mas uma coisa eles sabiam: não podiam ficar parados. Sentados não iriam conseguir nada. Mayara foi a primeira a falar:

— Eu entrei por uma porta, mas não estou vendo mais ela. Quem sabe se a gente procurar... Deve ter outras... O que você acha, Rodrigo?

— Você tem razão, vamos andar mais, talvez encontremos.

Uma senhora sozinha caminhando lentamente passou por eles. Chamava a atenção seu cajado, um tanto estranho, mas ao mesmo tempo bonito. Parecia até aquelas árvores sinuosas da estrada, pensou ela. Tudo ali era meio incomum.

Observou melhor e percebeu muitas pessoas andando sozinhas. Logo adiante, algo chamou a atenção dos dois. Havia uma aglomeração, como se algo acontecesse. Mayara e Rodrigo ficaram curiosos e notaram que um senhor gesticulava e falava, parecendo um palestrante. Foram se aproximando lentamente, um pouco receosos. Chegando mais perto conseguiram ouvir:

— Vocês precisam ficar calmos, pois aqui é somente uma passagem...

Um com a voz desesperada gritou:

— Que passagem?

— Da evolução — respondeu sem dar mais explicações. Desceu do local, que mais parecia um púlpito, e sem olhar para mais ninguém foi andando no meio da multidão.

Mayara, que estava distraída olhando o palestrante,

nem tinha percebido que Rodrigo conversava com um rapaz.

Ela então se aproximou e Rodrigo logo fez as apresentações:

— Mayara, este é o Jorge, estava aqui conversando que talvez ele pudesse nos ajudar a encontrar uma saída daqui. Mas ele também está um pouco perdido.

Eles se cumprimentaram e Jorge começou a falar:

— Bom, gente, acredito que ninguém sabe ao certo o que está fazendo aqui realmente. Tenho um grupo que conheci, querem se juntar a nós?

Mayara e Rodrigo assentiram.

Seguiram Jorge, que andava apressadamente, virou à esquerda, que dava para um longo corredor. As paredes eram de uma cor indefinida. Até parece esfumada, pensou Mayara, que foi seguindo Rodrigo e Jorge, já adiantados. Logo avistaram um grupo de pessoas e Jorge foi logo falando:

— É este o pessoal que quero que vocês conheçam.

O grupo parecia bem simpático, com todos sorridentes. E chegou falante e abraçando todos:

— Gente, encontrei estes dois. Como eles também estão procurando uma explicação, convidei para se juntar ao nosso grupo. Tudo bem?

Todos concordaram e foram se apresentando com um aperto de mão. Estavam na mesma situação, sem saber de onde vieram. As conversas começaram timidamente, mas logo pareciam velhos conhecidos.

## A BUSCA POR JOANA

Já tem algum tempo que estou nesse lugar, pensou Mayara, e fiz algumas amizades. Rodrigo era especial, parecia um irmão querido, e o casal Rebeca e Pedro sempre muito atenciosos. Jorge se mostrou ser um bom líder, preocupado com o bem-estar de todos. Joana era uma moça de poucas palavras, com um coração muito generoso, bastante solícita. Não tinha guardado ainda o nome de todos, mas eram simpáticos e amáveis.

O lugar era totalmente diferente de tudo que conhecia. Algumas lembranças vinham confusas, mas de uma coisa tinha certeza: precisava encontrar uma saída. Percebeu também que havia muitas fontes de águas cristalinas. Era só tomar um pouco que saciava e revigorava.

A mulher da prancheta, algumas vezes, avistava conversando com alguém, então perguntou a Jorge se ela já tinha conversado com o pessoal do grupo. Ele res-

pondeu que não. Ainda encucava não ter escutado a voz. Só de lembrar dava um arrepio. Sacudiu a cabeça e resolveu não pensar mais nisso, pois o que importava era saber como fazer para sair daquele lugar. Somente assim teriam as respostas que procuravam.

Lembrou que, após se juntarem ao grupo, se distraíram e haviam esquecido de procurar a porta, conforme o combinado. Assim, resolveu procurar Rodrigo para conversar. Precisavam agir se queriam mesmo sair daquele lugar.

Encontrou Rodrigo conversando com Jorge e Pedro, se aproximou, cumprimentou-os e falou:

— Rodrigo, preciso falar com você.

— Tudo bem, pode falar, Mayara.

Jorge e Pedro já iam se retirar, quando Rodrigo fez um sinal para que ficassem. Então perguntou a Mayara:

— É particular?

— Não, e com certeza interessa a todos. Podem ficar, lógico!

— Então, o que é?

— Bom, Rodrigo, você lembra da porta que a gente ia procurar?

— Sim, lembro, nós paramos aqui e não fomos mais atrás dela.

Jorge olhou para eles, um pouco sem entender e perguntou:

— Do que vocês estão falando?

— Jorge, quando cheguei aqui, eu estava em uma es-

trada, vim andando e me deparei com esta casa e uma imensa escadaria. Rodrigo e eu tínhamos combinado de procurar a porta pela qual entrei. Você lembra como chegou aqui?

— Sim, Mayara, e acho que devo ter vindo pelo mesmo caminho que o seu, pois me deparei com a casa e a imensa escadaria, subi, entrei e fiquei deslumbrado com tudo aqui dentro e fui andando um pouco sem direção.

— Lembro-me de uma varanda com arcos e colunas e eu sentado, mas não consigo me lembrar de como cheguei ali — falou Pedro.

Rodrigo começou a falar. Estava com um olhar distante:

— Não lembro de nada concreto, só que me vi neste lugar, fiquei um pouco assustado, não estava enxergando direito, foi quando esbarrei em você, Mayara.

— Gente, precisamos agir para descobrir que lugar é este!

— Você tem razão, Mayara, vamos nos reunir com o pessoal do grupo, eles devem estar na fonte.

Lá chegando, comentavam sobre a ausência de Joana. Ninguém sabia para onde ela teria ido. Teria se perdido? Todos estavam preocupados. Então resolveram formar pequenos grupos para procurá-la. Jorge foi chamando:

— Mayara, Rebeca e Pedro; Rúbia, Renato e Natália; Jeremias e Rodolfo; Eduardo, Valeriana e Miguel, fiquem aguardando aqui. Rodrigo e Lucas vão vir co-

migo. Então, gente, vamos cada um para um lado, mas muito cuidado, marquem bem o lugar que estiverem passando, isso é para na volta saber que passaram por ali. Se ficarem receosos podem retornar também, ok?

E assim foram em várias direções.

Mayara, Rebeca e Pedro entabularam uma conversa. Mayara queria saber de Rebeca e Pedro como se conheceram. Rebeca fala da sensação de que já se conheciam, mas que não sabia explicar direito. Quando se encontraram estava perdida já tinha um tempo, parecia até que andava em círculos, pois sempre parava no mesmo lugar. Também estava um pouco assustada. Não sabia como havia chegado aqui. Os pensamentos eram confusos, as pessoas passavam, mas não lhe enxergavam. Era estranho. Parecia que elas estavam perdidas também. No meio desse ir e vir das pessoas, encontrou Pedro, parado, olhando em sua direção. Foi tudo rápido, de repente eles estavam abraçados e desde então estão juntos.

— E nos sentimos muito bem um com o outro — Pedro completou e abraçou Rebeca, que deu um sorriso.

— E você, Mayara, qual a sua história? — perguntou Pedro.

— Bom, acho que não é muito diferente. Eu lembro que estava do lado de fora, mas não me recordo de como cheguei. Vim caminhando, quando deparei com a escadaria e a casa. A estrada acabava ali, entrei e fiquei deslumbrada com a imensidão disso tudo. Uma senhora me fez algumas perguntas e eu, respondi, mas não



escutei quando pronunciei o meu próprio nome. Achei isso muito estranho. Depois conheci Rodrigo e resolvemos procurar uma saída. Então ele conheceu Jorge, que nos levou até vocês.

Assim foram andando, conversando e observando todas as pessoas em volta. Pedro pareceu ter avistado ao longe uma moça muito parecida com Joana e foram os três ao encontro dela. Quando se aproximaram, infelizmente perceberam que não era ela. A menina olhou para os três e saiu assustada, não quis conversa. Acharam melhor deixá-la ir e prosseguir nas buscas. O tipo de Joana era realmente fácil de confundir. Era morena clara, magra, cabelos castanhos e de estatura mediana. Já tinham andado bastante e nada de encontrar a Joana, então resolveram retornar com a esperança de que talvez ela estivesse lá também.

Na volta ficaram um pouco perdidos, deram algumas voltas, parecia até que estavam andando em círculos. Tudo era muito parecido, as pessoas andando aleatoriamente também aparentavam estar perdidas. Passado algum tempo, Pedro se encontrou. Justamente ele, que havia marcado alguns pontos estratégicos para o retorno, havia se confundido.

Viram um senhor, com uma longa barba branca, sentado com as pernas cruzadas. Parecia conversar sozinho. Pedro falou para elas aguardarem um pouco, pois precisava trocar umas palavras com ele. Mayara e Rebeca se acomodaram em um banco de madeira, enquanto aguardavam.

— Eu estava falando de como cheguei aqui e de como encontrei Rodrigo — disse Mayara. — Então, Rebeca, interessante é que o Rodrigo lembra da mãe, do pai que sumiu e também que tem uma irmã, enquanto nós lembramos somente do nosso nome... Se bem que me vem às vezes uma coisa que não consigo decifrar... Sinto um certo desespero nele que não sei explicar. Parece que algo o perturba. Quando nos conhecemos, ele parecia estar fugindo. Se não tivesse segurado o braço dele quando esbarrou em mim, com certeza não teria parado. Ele me abraçou com medo. Senti que tremia. Parecia frágil. Sinto que ele precisa ser amparado, não sei se você me entende...

Rebeca, que estava escutando atentamente Mayara, respirou fundo e respondeu:

— Sim, te entendo, Mayara. Tem coisas que não sabemos como explicar nem a nós mesmas, como no meu caso e do Pedro. Nossas cabeças estão vazias, mas parece que alguma coisa nos liga. Como se tudo tivesse uma razão para estar acontecendo. Ah, e da senhora que você falou, como foi isso?

Mayara logo respondeu, pois queria mesmo falar com alguém sobre senhora e sobre não ter escutado a própria voz. E, assim, ficaram conversando.

Passado algum tempo, Pedro chegou e as chamou:

— Vamos, meninas!

As duas se levantaram. Mayara olhou para o lugar que o senhor de barba estava sentado e ele continuava

lá. Então perguntou:

— Como se chama seu novo amigo?

Pedro sorriu e respondeu:

— Ele se chama José, me pareceu uma pessoa muito boa. Peço desculpas por não ter apresentado ele a vocês.

Mayara e Rebeca falaram praticamente juntas:

— Tudo bem!

O local onde estavam era bem grande, todo fechado, sem janelas. Acima havia a abertura sem fim que Mayara já tinha notado quando estava com Rodrigo, com nuvens ou fumaça branca. E o mais incrível era saber que aquele local fazia parte da grande casa, que parecia cada vez maior. Sem dúvida, era um vilarejo dentro de um casarão.

Continuaram a caminhada de volta, agora sem erro. Pedro começou a falar o que tinha conversado com José:

— O José disse que esse lugar é uma passagem e que também existe um salão que no momento propício vamos conhecer. Ele também comentou que está se sentindo muito cansado e que resolveu ficar ali sentado e não tem mais vontade de sair. Sempre tem alguém que senta para conversar com ele, como eu fiz... Eu perguntei se por acaso ele teria visto a Joana e a descrevi, mas disse que não, e que é normal as pessoas seguirem sozinhas. Além disso, parece que tem sim uma porta para fora daqui, mas que somente algumas pessoas conseguem sair, e que pode ser um caminho sem volta.

— Como assim? — perguntou Rebeca.

— Ele não me explicou o que seria esse caminho sem volta, só me falou que tudo aqui tem um sentido, e vamos descobrir aos poucos.

Mayara, que estava quieta e pensativa, de repente falou:

— Agora me lembrei do seu amigo José. Ele estava em um lugar alto, parecia um púlpito, fazendo uma palestra para um aglomerado de pessoas. Ele disse realmente que aqui é uma passagem. Alguém perguntou um pouco apavorado que passagem era e ele respondeu, já descendo do púlpito, que era da evolução. Depois foi embora, sem dar mais explicações.

— Ele me falou que está cansado de tentar falar com as pessoas e elas não entenderem nada.

— Mas, também, estamos todos perdidos, e o seu amigo José só fala através de charadas, pelo que entendi. Olha lá o grupo, que bom que já estamos chegando. Vamos apressar o passo, gente. Será que a Joana está lá também?

De repente apareceu uma criança e abraçou as pernas de Rebeca. Os cabelos encaracolados e longos não nos deixavam ver seu rosto. Rebeca abaixou e delicadamente pegou a criança no colo e viu que era uma linda menininha com os olhos marejados. Rebeca fez um sinal para que continuássemos andando e ela, carregando a pequena no colo, nos seguiu.